



João Paulo Cunha

## Pemedebismo: mau-caratismo de resultados

Enquanto esquerda e direita se confrontam, os canalhas comemoram mais uma vitória. Essa pode ser a síntese de um enredo político que já passa dos 30 anos, mudando os atores para conservadores e progressistas, tucanos e petistas, neodesenvolvimentistas e neoliberais. E por aí vai. As posições ideológicas, as diferentes visões de economia e os projetos para a sociedade não valem nada frente ao pragmatismo das relações de favor e interesse seguidas pelo grande centrão que se tornou a política brasileira.

Com o sucesso da articulação de Temer para impedir a abertura de investigação sobre o patético crime da mala, o PMDB ganhou mais uma. Na verdade, ele vem ganhando todas e não há desculpa ou teoria que explique tanta ingenuidade das forças políticas trituradas seguidamente pelo dono da banca. O método foi o mesmo: comprar consciências com dinheiro público. O jogo também não apresentou novidades: comerciantes desonestos dos dois lados do balcão.



### **PMDB só quer o poder para se manter no poder**

O professor da **Unicamp** Marcos Nobre identificou essa praga como pemedebismo. O mau-caratismo de resultados, no entanto, não se limita a um único partido, mas a uma geleia indistinta de interesses que vem sendo base de sucessivos governos, dos mais diferentes partidos. No vale tudo da governabilidade, quanto maior a ausência de substância, maior a versatilidade para integrar diferentes projetos de poder. A diferença do pemedebismo para as outras práticas se dá na ausência de derivativo do poder: ele não quer o poder para nada que não seja manter o poder.

#### **Várias frentes**

O desafio brasileiro é enorme, além de enfrentar a conjuntura de um golpe. Há vá-

rias frentes a serem ocupadas: a de uma sociedade massacrada pelo pensamento único emanado da mídia; a de um Judiciário que perdeu o rumo da defesa da lei em nome de valores corporativos; a do ataque às políticas sociais; a da desnacionalização da economia e da subserviência aos interesses externos. Mas será também preciso dar conta de retomar a política por outros caminhos.

Não se trata apenas de fortalecer a democracia direta, em suas várias instâncias e possibilidades, inclusive de confronto. Mas de também operar na retomada da institucionalidade da representação. Nesse caminho, é urgente que os partidos de esquerda assumam a autocrítica dos erros cometidos, sobretudo na questão ética e na capacidade de fazer alianças estratégicas.

Pode parecer repetitivo falar em campanha contra os traidores do povo, mas essa é uma pauta cada dia mais urgente. Se o próximo Congresso mantiver o mesmo perfil e se os partidos de esquerda se aliarem ao PMDB para garantir a governabilidade, não vai adiantar reclamar depois. Já entramos em campo perdendo de 7 a 1 em política, ética e caráter.